

Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social

(Language attitudes and the Accommodation Theory: the interaction between Sociolinguistics and Social Psychology)

Cândida Mara Britto Leite¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

candidamara@gmail.com

Abstract: The present study investigates the language attitudes related to the pronunciation of caipira /R/, and taking into account the Accommodation Theory by Giles, Taylor & Bourhis (1973) and Giles & Powesland (1975), discusses the linguistic variants found in the data as those variants referred by the informants. The corpus comprises data collected from four native inhabitants of Campinas, a city in the countryside of São Paulo state, Brazil. These data were recorded, submitted to acoustic analysis and examined in conformity with the Accommodation Theory. The analysis indicates that as a consequence of an accommodation process, the informants produced a /R/ variant distinct from the typical one of their own dialect.

Keywords: language attitudes; accommodation theory; caipira /R/.

Resumo: O presente estudo investiga as atitudes linguísticas em relação à pronúncia do /R/ caipira e, a partir da proposta da Teoria da Acomodação, segundo Giles, Taylor e Bourhis (1973) e Giles e Powesland (1975), discute as variantes linguísticas encontradas nos dados analisados, bem como aquelas às quais os informantes fazem referência. O *corpus* selecionado consta de dados coletados junto a quatro informantes naturais de Campinas. Esses dados foram gravados, submetidos à análise acústica e examinados segundo o referencial teórico da Teoria da Acomodação. A análise dos dados indica que, em função do processo de acomodação, os informantes produzem variantes do /R/ distintas daquela que é característica do dialeto do qual fazem parte.

Palavras-chave: atitudes linguísticas; teoria da acomodação; /R/ caipira.

Considerações iniciais

Os estudos de atitudes linguísticas originaram-se no âmbito da Psicologia Social. Segundo Fraser e Scherer (1982, p. 3), os estudos baseados na perspectiva da Psicologia Social Norte-Americana estavam preocupados em sustentar uma “purificação metodológica” e não privilegiavam o estudo da linguagem até o final da década de 60. Por outro lado, os psicólogos sociais da escola europeia demonstravam em seus trabalhos uma preocupação maior no que diz respeito à linguagem, priorizando as investigações empíricas.

A Linguística, particularmente a Sociolinguística, também tem desenvolvido investigações relacionadas a esse tema, uma vez que as pistas para o entendimento de questões relacionadas à variação linguística podem estar assentadas na compreensão de determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade

de fala,¹ por exemplo. A importância dos estudos de atitudes que lidam com a variação linguística também é reconhecida pelos estudiosos da Psicologia Social, como comprova a citação de Ryan et al. (1982, p. 1):

In every society the differential power of particular social groups is reflected in language variation and in attitudes toward those variations. Typically, the dominant group promotes its patterns of language use as the model required for social advancement; and use of a lower prestige language, dialect, or accent by minority group members reduces their opportunities for success in the society as a whole.

Dessa forma, de acordo com Ryan et al. (1982), os estudos de atitudes linguísticas, necessariamente, pressupõem o reconhecimento de que numa sociedade dada, e entre sociedades, existem variedades de língua e de estilo coexistindo de forma competitiva e contrastante. Os autores apontam a Sociolinguística como um campo multidisciplinar capaz de examinar a relação entre língua e sociedade a partir de perspectivas políticas, demográficas, econômicas, linguísticas, entre outras.

As pesquisas em Sociolinguística que recorrem às contribuições da Psicologia Social têm crescido de maneira considerável. Ryan et al. (1982) atestam a publicação de um grande número de livros voltados aos estudos da Psicologia Social envolvendo questões de linguagem a partir de 1970. A realização de duas conferências internacionais nessa perspectiva, em 1979 e em 1983, e o estabelecimento do *Journal of Language and Social Psychology*, que se firmou enquanto um fórum coerente direcionado a essa especialidade, foram fundamentais nesse processo.

O surgimento e crescimento de pesquisas que relacionam o conhecimento dessas duas áreas do saber podem ser de grande valia para interpretar algumas variantes encontradas em dados que se encontram em variação no Português do Brasil (doravante PB), mas que não fazem parte do dialeto analisado. Neste artigo, o objetivo é apresentar resultados das análises dos dados coletados junto a quatro informantes naturais de Campinas (SP) em relação a um aspecto linguístico – o /R/ caipira –, bem como analisar as atitudes manifestadas por esses informantes em relação a esse aspecto linguístico e discutir, a partir da proposta da Teoria da Acomodação (doravante TA), as alternâncias verificadas nos dados desses informantes. Sendo assim, neste estudo, serão mobilizados alguns pressupostos da Psicologia Social, mais especificamente da TA, bem como da Linguística para analisar as ocorrências encontradas nos dados selecionados para este estudo.

Inter-relação entre a Psicologia Social e a Sociolinguística

As variações linguísticas dentro das comunidades de fala, e entre elas, podem envolver diferentes línguas ou apenas diferentes estilos de uma determinada língua. Conforme Ryan et al. (1982, p. 7), todos os indivíduos, falando uma ou mais línguas, pertencem a pelo menos uma comunidade de fala, de forma que as variedades de fala e as normas apropriadas a tais usos é que agregam tais indivíduos em uma comunidade. Assim, no

¹ Quanto à definição de comunidade de fala, consideraremos a definição apresentada por Alkmin (2001, p. 31): “uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”.

âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessas variações.

Considerando que a Psicologia Social pode se ocupar do estudo do indivíduo através da interação face a face, sendo este influenciado por outros indivíduos, ou ainda por meio da relação entre indivíduos e as sociedades em que estes vivem, seria natural que a preocupação com estudos relacionados à linguagem funcionasse como peça fundamental no desenvolvimento dos trabalhos dessa disciplina. No entanto, a Psicologia Social não estava interessada na linguagem enquanto objeto de estudo, de forma que o texto de Brown (FRASER; SCHERER, 1982, p. 2), que aparece suscitando essa discussão, é tido como uma exceção em relação aos trabalhos até então realizados.

Dessa forma, na tentativa de entender o porquê de os psicólogos sociais terem ignorado a linguagem nos seus estudos, Fraser e Scherer (1982) lembram que esse déficit não pode ser entendido como consequência de imaturidade da Psicologia Social enquanto campo de pesquisa, uma vez que a preocupação com a língua e com a fala já ocupava um lugar proeminente no seio dessa disciplina desde o seu surgimento. Quanto a isso, os autores acrescentam que Wilhelm Wundt, em sua obra *Voelkerpsychologie* (1900-20), por exemplo, já colocava a linguagem no topo da lista dos fenômenos com os quais a Psicologia Social deveria se ocupar.

Entre os poucos estudiosos da escola Norte-Americana que traçaram caminhos diferentes em suas pesquisas, passando a considerar a linguagem não mais como elemento acessório, mas sim como determinante em suas investigações, podemos destacar o trabalho realizado na década de 60 por Wallace Lambert² e seus associados: Hodgson, Gardner e Fillenbaun. Lambert et al. (1960) é considerado por muitos como o introdutor dos estudos de atitudes linguísticas na Psicologia Social. Em seus estudos, é recorrente a utilização da técnica *matched guise* para eliciar as atitudes dos informantes. Através dessa técnica é possível realizar a manipulação de “dicas” (*cues*) de características linguísticas e/ou sociais sobre uma determinada língua ou dialeto, com o intuito de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações.

Apesar da contribuição bastante significativa do trabalho de Lambert (1960), Fraser e Scherer (1982, p. 3) argumentam que o maior destaque dado à linguagem advém do enfoque da Psicologia Social desenvolvida na Europa, que considerava ser impossível ignorar o fenômeno da variação linguística sem levar em consideração questões como atitudes, principalmente no que se refere a sociedades bi ou multilíngues, ou ainda multidialetais – podendo incluir, neste último caso, sociedades calcadas numa divisão de classes, marcadas pelas especificidades linguísticas de cada segmento social.

No que se refere aos estudos que lidam com atitudes linguísticas, a estreita relação entre a Psicologia Social e a Sociolinguística ocupa a pauta de atividades investigativas desde a década de 70. Quanto à Sociolinguística, os estudos revelam que a variação da linguagem não deve ser completamente explicada considerando-se apenas fatores sociais

² Wallace Lambert e seus associados são considerados uma exceção entre os estudiosos da Psicologia Social Norte-Americana. O reconhecimento do trabalho de Lambert é quase uma unanimidade entre os pesquisadores de atitudes linguísticas, tais como Omdal (1995, p. 88), que sustenta que “provavelmente a medida indireta mais conhecida de atitudes linguísticas é a técnica *matched-guise*, apresentada por Lambert et al. (1960)”. Também Ryan et al. (1982, p. 8), ao discutirem o método indireto de inferir atitudes, mencionam Lambert e seus associados como os introdutores da técnica em questão.

e situacionais; é preciso, também, que se considerem as normas, valores e padrões de prestígio em uma comunidade linguística. Já os estudos desenvolvidos no âmbito da Psicologia Social, trazem informações importantes que podem ajudar o linguista a melhor compreender o comportamento linguístico de seus informantes. Sendo assim, a inter-relação entre essas duas áreas do saber e o conhecimento produzido pelos pesquisadores filiados a cada uma delas constituem-se em um eixo importante e fecundo de estudos que podem orientar as pesquisas linguísticas.

Atitudes linguísticas e Teoria da Acomodação

Atitudes linguísticas

As diversas características da linguagem são, frequentemente, alvo de certo tipo de discurso linguístico,³ quase sempre permeado por situações contraditórias, mas que podem dizer muito sobre a diversidade linguística, bem como sobre o domínio de uma determinada variedade sobre a outra. Considerando essa realidade, alguns estudiosos têm desenvolvido pesquisas no âmbito da Sociolinguística, procurando entender e descrever a variação para além do que é dado linguisticamente.

As pesquisas realizadas por Labov (1982 [1966] e 1972) são exemplos de estudos em que, para compreender a variação linguística, é preciso ir além do que se observa nos dados de fala e investigar as relações estabelecidas entre os informantes e a sociedade em que estes se encontram.

Labov (1972), no clássico estudo de Martha's Vineyard, trata da variação fonética existente entre a pronúncia do ditongo /ay/, em palavras como *right*, *wine*, e do ditongo /aw/, em palavras como *house*, *out*, tomando como ponto de partida o entendimento da vida social dessa ilha. O estudo revelou, então, que há uma distribuição social dos ditongos, de forma que os que desejam ficar na ilha adotam uma pronúncia mais centralizada, conservadora e não prestigiosa, típica dos viniardenses, diferente da pronúncia adotada por aqueles que querem partir. Para interpretar a centralização dos referidos fonemas, propõe, dentre outros fatores, que sejam consideradas questões relacionadas, principalmente, às aspirações sociais e às atitudes subjetivas que os moradores manifestaram diante da vida na ilha, da falta de trabalho e diante dos veranistas. Segundo Labov (1972), em Martha's Vineyard não foi feito uso da técnica *matched guise* por não ter sido possível encontrar o número suficiente de nativos anônimos em uma comunidade tão pequena para que se procedesse a gravações.

Em seu estudo sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, Labov (1972) mostra que as variantes linguísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. Entre as variáveis analisadas, dedicou-se a avaliar as reações subjetivas dos falantes focalizando a pronúncia ou o apagamento do /r/ final e pré-consonantal (*car*, *card*, etc.). Nesse estudo, utilizou testes de reação subjetiva – uma variação da técnica *matched-guise* – em que era solicitado ao informante para que colocasse em ordem de valor um número determinado de amostras de discursos de outros nova-iorquinos, segundo

³ Quero me referir ao “discurso público sobre a língua” a que Schlieben-Lange (1993) faz menção e que será apresentado adiante.

uma escala profissional;⁴ e teste de auto-avaliação, em que era pedido ao informante que escolhesse uma entre várias pronúncias, assim como a forma que ele realmente empregava com maior frequência.

O estudo que tomou como variável o /r/ final e pré-consonantal indicou que as reações subjetivas dos falantes são mais uniformes que o desempenho. Dessa forma, todos os grupos sociais concordavam que a pronúncia de um /r/ constrictivo em palavras como *car*, por exemplo, era apropriada para contextos mais formais. No entanto, a grande maioria dos nova-iorquinos não pronunciava o /r/, de forma que apenas os falantes de alta classe média mostravam algum grau de pronúncia de /r/ na fala casual. Resultados como esse mostram, segundo Labov (1974 [1964], p. 59), que *quando um novo padrão de prestígio entra na linguagem, ele é aceito ao nível de reação subjetiva inconsciente antes que alcance uniformidade no uso real*. O autor, ao considerar a proposta de Lambert (1960) e a dificuldade em lidar com questões tão subjetivas como as atitudes dos falantes, comenta:

The essential principle which emerges from Lambert's work is that there exist a uniform set of attitudes towards language which are shared by almost all members of the speech community, whether they use a stigmatized or a prestige form of that language. These attitudes do not emerge in a systematic form if the subject is questioned directly about the same speaker using two different forms of language, and does not realize that it is the same speaker, his subjective evaluations of language will emerge as the differences in the two ratings. (LABOV, 1972, p. 146)

Em algumas situações, as variantes encontradas nos dados de fala dos informantes são distintas daquelas que frequentemente ocorrem nos limites dialetais em que esses informantes se encontram e a ocorrência dessas variantes está relacionada a uma preocupação dos informantes em ser aceito socialmente. Em casos como esses, os pressupostos da Teoria da Acomodação podem lançar luz sobre os dados e ajudar a entender o comportamento linguístico desses informantes.

Teoria da Acomodação

A Teoria da Acomodação, formulada no âmbito da Psicologia Social desde Giles, Taylor e Bourhis (1973), busca determinar como os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. O foco dessa teoria são os aspectos interpessoais da diversidade da fala e a proposta é dar conta de tipos específicos de diversidade de fala.

Segundo Giles e Powesland (1975), a teoria da acomodação discute a utilidade em descrever trocas em um nível linguístico particular: o uso de sotaques (*accent usage*). Os autores afirmam que a avaliação do falante e a diversidade da fala estão ligadas conceitualmente e que, em uma situação dialógica, se o emissor quiser a aprovação do receptor, ele adaptará seu padrão de fala ao do seu interlocutor, com o intuito de reduzir as dessemelhanças. Essa teoria, que se baseia na fala, busca explicar o motivo pelo qual os falantes modificam sua fala, a sua pronúncia, devido ao fato de estarem diante de outros.

A essência da TA deve-se às pesquisas em similaridade-atração desenvolvidas no âmbito da psicologia social. Os estudos desenvolvidos a partir da proposta da TA sugerem que um indivíduo pode induzir outro a avaliá-lo mais favoravelmente através da redução

⁴ A escala profissional continha as seguintes ocupações: artista de televisão, secretária executiva, recepcionista, telefonista, vendedora, operário e a alternativa “nenhuma dessas opções”.

de dissimilaridades entre eles. O processo de acomodação da fala parece ser um reflexo de um desejo individual de aprovação social (GILES; TAYLOR; BOURHIS, 1973).

O ato de acomodação pode envolver certos custos para o falante, em termos de mudança de identidade e esforço empregado. Assim, esse comportamento deve ser iniciado apenas se há uma recompensa disponível. Em termos concretos, essa recompensa dependerá da própria situação e do nível linguístico particular no qual a acomodação ocorreu. A aprovação recebida não necessariamente significa que haja alguma preferência por parte do remetente. Segundo os autores, a acomodação através da fala pode ser considerada como uma tentativa por parte do falante de modificar ou disfarçar sua *persona* na tentativa de se fazer aceito pela pessoa à qual se dirige (GILES; POWESLAND, 1975). Segundo os autores, há “convergência de fala” quando o falante que procura aprovação do interlocutor adapta seu sotaque com o intuito de reduzir as dessemelhanças fônicas que há entre ambos. Por outro lado, há “divergência de fala” quando o falante enfatiza as dissimilaridades fônicas quando o objetivo é se dissociar do interlocutor.

Os resultados da pesquisa desenvolvida por Giles, Taylor e Bourhis (1973, p. 186-187) sugerem que o falante se sentirá mais aceito quanto maior for o esforço empregado para acomodar à fala do ouvinte. Os resultados desse estudo, conforme os autores, *do support the notion [...] that accommodating individuals induce their recipients to evaluate them more favorably, and that this phenomena can be viewed as a reflection of an individual's desire for social approval*. Os autores alegam que sentiram a necessidade de tentar desenvolver uma teoria sociolinguística para explicar tipos específicos de diversidade de fala. A partir dessa proposta, formulam uma teoria focada em aspectos *interpessoais* da diversidade de fala. Alguns conceitos dessa proposta serão levados em consideração para a análise dos dados neste estudo.

Procedimento metodológico

Os dados selecionados para este estudo referem-se a amostras de fala de quatro informantes naturais da cidade de Campinas. O perfil dos informantes selecionados é: (i) EG, sexo masculino, 37 anos de idade; (ii) CA, sexo masculino, 45 anos de idade; (iii) CL, sexo feminino, 47 anos de idade e (iv) CN, sexo feminino, 50 anos de idade. Todos os informantes têm nível superior de instrução.

Esses dados foram coletados mediante entrevista semi-diretiva e foram gravados em uma sala acusticamente tratada. A captação dos dados foi feita através de um microfone AKG, modelo 420 PP headset, conectado a uma placa de som externa com pré-amplificação da M-Audio, modelo MobilePre Usb. Essa placa foi conectada a um computador portátil Toshiba, modelo M-45 Satellite, de última geração. Para a gravação, foi utilizado um *software* livre de gravação e edição de áudio, o Audacity, a uma taxa de amostragem de 22050 Hz e resolução de 24 bits, digitalizado em PCM (Pulse Code Modulation).

Os dados foram transcritos,⁵ segmentados manualmente e analisados com o auxílio do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2007). Os resultados encontrados a partir da análise acústica, bem como dos depoimentos dos informantes, são apresentados adiante.

⁵ De acordo com Marcuschi (1986).

Resultados e discussão

A variante mais frequente no dialeto campineiro é o /R/ caipira, conforme resultados encontrados por Leite (2010). Essa variante é estigmatizada e avaliada negativamente por grande parte dos informantes entrevistados. Entretanto, a variante que prevalece nos dados coletados desses informantes (exceto para os dados do informante CA), em situação de entrevista, não é o /R/ caipira. A análise dos dados revelou, portanto, que variantes que não são características do dialeto paulista são pronunciadas pelos informantes, especialmente por aqueles que são mais sensíveis ao estigma que recobre a variante /R/ caipira. Assim, três dos informantes selecionados para este estudo pronunciaram fricativas posteriores e taps no intuito de se afastar da pronúncia característica da sua região dialetal. Os espectrogramas abaixo ilustram a ocorrência dessas duas variantes nos dados analisados.

Nos dados do informante CA (M – 45 anos),⁶ a variante mais frequente é o /R/ caipira, que apresenta características acústicas semelhantes àquelas descritas por Leite (2010) para essa variante. A informante CL (F – 47 anos), por outro lado, elegeu a variante fricativa posterior⁷ como adequada para a situação de coleta de dados. O espectrograma 1 traz exemplo dessa variante quando a informante pronuncia a palavra *tutor*:

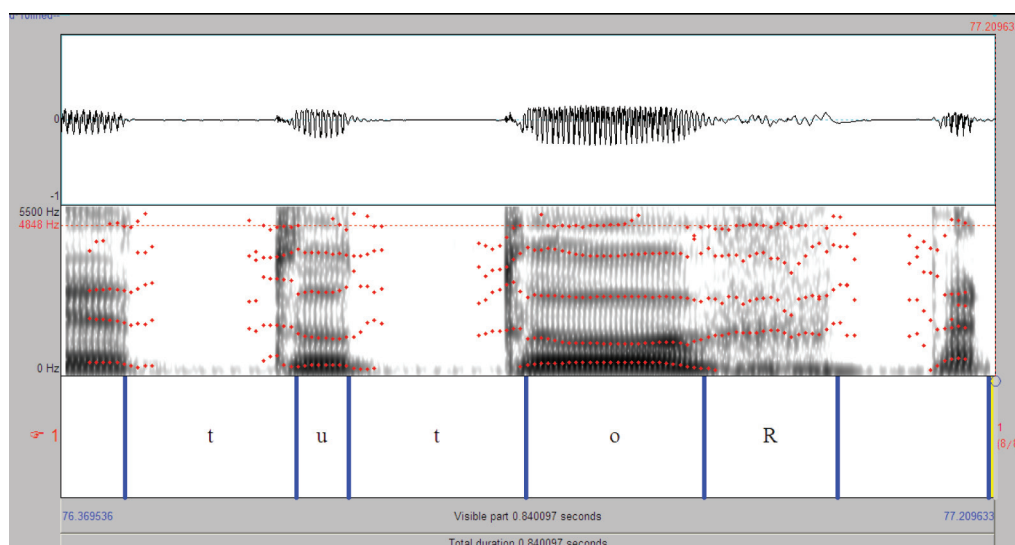


Figura 1. Espectrograma CL: *tutor*

Nos dados dos informantes EG (M – 37 anos) e CN (F – 50 anos) prevalecem a ocorrência da variante tap na situação de coleta de dados. O espectrograma 2, abaixo, ilustra, também a partir da palavra *tutor*, a ocorrência dessa variante.

⁶ A identidade dos informantes foi preservada e eles, portanto, são indicados por parte das iniciais de seus nomes, acompanhados da referência do sexo (M para masculino e F para feminino) e da idade real.

⁷ Nos dados analisados há, entre as fricativas posteriores – velar, uvular e glotal (/x X h/) – maior número de ocorrência da variante fricativa glotal. Considerando a dificuldade para distinguir as fricativas posteriores apenas através da inspeção acústica e a ocorrência das demais variantes de fricativa posteriores nos dados analisados, a referência à ocorrência dessas variantes será feita apenas pelo termo *fricativa posterior*.

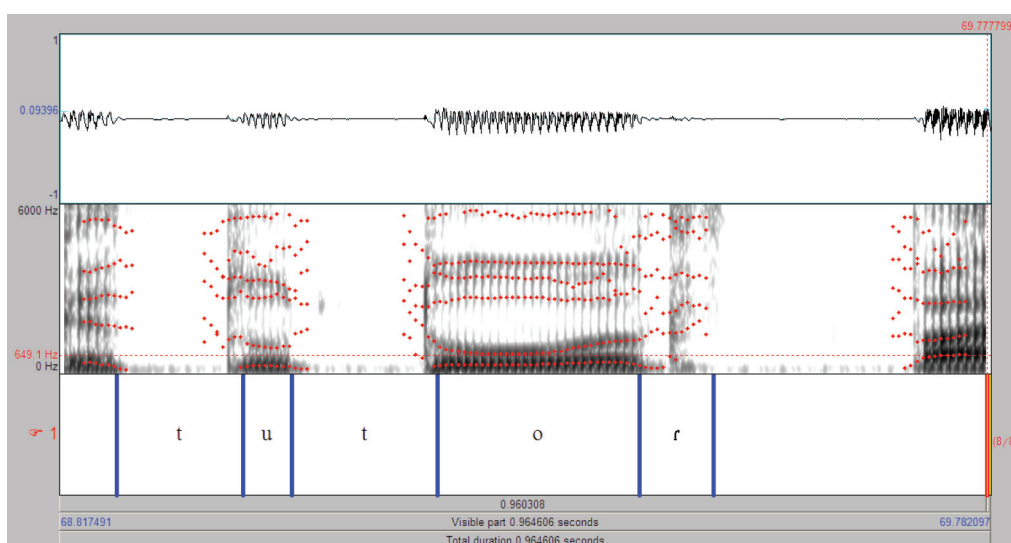


Figura 2. Espectrograma EG: tutor

Como justificar a ocorrência de variantes como essas nos dados de informantes naturais do interior paulista que têm o /R/ caipira como variante mais frequente e representativa desse dialeto? Considerando-se que essas variantes não se mantiveram no decorrer das entrevistas e que alguns desses informantes manifestaram o desejo em alterar a pronúncia que lhes é característica devido ao estigma que recobre a variante /R/ caipira, é que se pode argumentar que as variantes fricativa posterior e tap são proferidas pelos informantes que procuram acomodar a sua pronúncia a outras que julgam prestigiosas.

Conforme se verifica nos depoimentos captados mediante entrevista, as pronúncias de /R/ avaliadas mais positivamente pelos informantes selecionados para este estudo são aquelas originárias da cidade de São Paulo – em que prevalece o tap – e do Rio de Janeiro – em que preponderam as fricativas posteriores. E são essas as variantes que predominam nos dados desses informantes, ao lado da variante /R/ caipira – encontrada em menor número.

Apesar da existência dessas variantes, não é possível argumentar que essas sejam típicas ou frequentes nos dados de informantes naturais do interior paulista. Estudos como o de Leite (2004 e 2010) e o de Castro (2009) indicam um pequeno número de ocorrências da variante tap em dados de fala do interior paulista. A existência da variante fricativa posterior, entretanto, não era esperada.

Os excertos abaixo, que reproduzem relatos de dois dos informantes, ilustram situações cotidianas de interação que podem ser consideradas como exemplos para o fato de a variante fricativa posterior, típica do dialeto carioca, ser utilizada por falantes campineiros em situações em que esses falantes procuram se afastar da pronúncia estigmatizada porque requerem a aprovação do(s) interlocutor(es). No primeiro exemplo, o relato do informante CA (M – 45 anos) ilustra o processo de acomodação da fala de uma jovem campineira observada no ambiente de trabalho. Eis o relato desse informante:

- (01) CA (M – 45 anos): tem pessoas' por exemplo' eu conheço/ eu conheço uma jovem que ela quer muito imitar o carioca (+) no trabalho' sabe''(+) ela diz (+) ah:: eu tenho vergonha de ser campineira então (+) ah:: eu vim do Rio eu sou carioca usa aqueles/
Entrevistadora: ela é de Campinas e fala que veio do Rio”

CA (M – 45 anos): ela é' e fala que veio do Rio
 Entrevistadora: hum::
 CA (M – 45 anos): é:: e tenta arrastar né” você ouviu o carioca falar assim por/ bom/ televisão:: ela tenta imitar (+) eu acho isso ridículo (+) você tem que ser/
 Entrevistadora: ela é da televisão' ou não”
 CA (M – 45 anos): não' ela é a pessoa comum
 Entrevistadora: sim' mas por que o carioca”
 CA (M – 45 anos): ah:: porque ela acha bonito
 Entrevistadora: hum:: (+) e por que ela fala que tem vergonha”
 CA (M – 45 anos): porque/ por ser uma cidade do interior
 Entrevistadora: e quando que ela imita o/ como que ela imita o carioca”
 CA (M – 45 anos): ah:: ela puxa muito o erre né” (+) como é que é” (+) aquela/ o jeito que o carioca fala' fala muito esse/ muito erre né”

No segundo exemplo, o relato da informante CN (F – 50 anos) também retrata uma situação semelhante. Quando perguntado a essa informante se seria possível caracterizar o falar do campineiro, respondeu:

CN (F – 50 anos): os erres né” e tem os metidos que procuram falar carioca
 Entrevistadora: como”
 CN (F – 50 anos): porque você vê mesmo' quando as pessoas/ tem aqui mesmo tem uma menina' uma amiga' que quando ela vai atender alguém no balcão ela muda (+) até falei um dia pra ela' por que você muda' cê vira carioca” (+) ela não respondeu ((risos))
 Entrevistadora: você percebeu isso no seu trabalho”
 CN (F – 50 anos): é (+) ela trabalha em outro setor (+) eu falei/ não faz muito tempo que eu falei isso pra ela
 Entrevistadora: e será que ela percebeu que fazia isso”
 CN (F – 50 anos): ah:: acho que mu/ porque não sei porque que as pessoas mudam eu não mudo minha maneira de falar (+) qualquer lugar que eu vá eu falo do mesmo jeito' (+) vou ficar me policiando pra não falar o erre” (+) porque fala daquele jeito o carioca' né” (+) porque o carioca fala bonito' eu acho bonito o jeito do carioca

Como mostram os dados, no processo de acomodação, os falantes tendem a modificar a pronúncia de variantes linguísticas mais salientes, como o /R/ caipira, que certamente pode ser classificado, segundo a proposta de Labov (1972), como um marcador linguístico – traços linguísticos que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante.

O esforço para acomodar a sua pronúncia àquela(s) que avalia(m) como prestigiosa é evidente em alguns trechos dos depoimentos dos informantes, como bem ilustram os excertos de número 01 e 02. Nesses excertos, tem-se dois relatos de dois informantes deste estudo acerca de um comportamento linguístico observado por esses informantes em situações cotidianas. Como constam nesses relatos, os sujeitos observados pelos informantes avaliam positivamente a variante típica do dialeto carioca e a elege para situações em que podem ser avaliados, como no atendimento ao público, assim como foi relatado. Através das situações expostas, não é possível saber a origem dos interlocutores desses sujeitos. Ao reproduzirem o rótico que ouviram desses sujeitos, os informantes desta pesquisa produziram fricativas, com bastante ênfase.

Quanto à análise dos dados da informante CL (F – 47 anos), foi possível observar que esta produziu fricativas posteriores no momento da entrevista. Considerando que a

variante mais frequente na fala da entrevistadora⁸ também é a fricativa, poder-se-ia supor que a produção de CL (F – 47 anos) refletiria uma acomodação da sua fala à da entrevistadora. Entretanto, há que se considerar, também, que a informante CL (F – 47 anos) afirma, por mais de uma vez, através dos depoimentos, que “o carioca fala bonito”. Há, portanto, uma avaliação positiva em relação à pronúncia do dialeto carioca. Sendo assim, há que se considerar que a avaliação positiva – e não apenas o intuito de reduzir as dessemelhanças entre informante e entrevistador – exerce uma grande influência no processo de acomodação e, portanto, alteração da pronúncia característica dessa informante.

A avaliação do falante e a diversidade da fala estão ligadas conceitualmente, como mostram, por exemplo, os estudos linguísticos e os estudos da Psicologia Social. Segundo Giles, Taylor e Bourhis (1973), o que está no centro da TA é o desejo de aprovação social. Já Giles e Powesland (1975) reafirmam essa assertiva ao concluir que a acomodação é o resultado de uma tentativa do falante que se esforça para ser aceito pelo interlocutor. A partir da análise dos dados selecionados para esta investigação, verifica-se que parte dos pressupostos que constam nesses estudos se confirma. Por meio da análise dos dados foi possível observar que, tanto através dos dados dos informantes entrevistados quanto através dos relatos desses informantes (excertos 01 e 02), há a alteração da pronúncia que lhes é característica em situações em que são expostos e, possivelmente, avaliados – em situação de entrevista em que sabem que estão sendo gravados e no atendimento ao público, em uma situação de trabalho, por exemplo. Entretanto, essa mudança na pronúncia se dá em situações distintas daquela prevista pelos estudiosos da Psicologia Social citados neste estudo, uma vez que os informantes entrevistados se acomodam às pronúncias que julgam prestigiosas, mas não, necessariamente, à pronúncia de seus interlocutores.⁹ Assim, verifica-se que há a intenção, por parte dos informantes, de serem aceitos socialmente e de se afastarem da pronúncia que é estigmatizada e que faz parte de seus idioletos, mas essa alteração pode ocorrer não apenas motivada pela pronúncia do interlocutor. Ainda assim, neste estudo, argumenta-se que haja acomodação, uma vez que o princípio básico da TA está presente: o desejo de aprovação social que motiva as diferenças de pronúncia.

Assim como mostram os estudos realizados no âmbito da TA, nas situações propícias à acomodação da fala, os falantes recorrerão às variantes linguísticas que julgam prestigiosas, dentre aquelas que lhes são possíveis representar. Essa ação é entendida pela TA como um reflexo do desejo do indivíduo de aprovação social.

Considerações finais

Ao considerar a língua em interação social é possível deparar com uma complexidade de questões que podem conduzir a caminhos diversos no intuito de descrever, de tentar entender a efervescência que subjaz a cada questão que se apresenta. No exercício de tentar compreender as “opções” feitas pelos indivíduos entrevistados no que se refere à realização do /R/ em posição de coda silábica, fez-se necessário pensar em conceitos como atitudes linguísticas e acomodação.

⁸ A entrevistadora mantém em sua pronúncia, primordialmente, a fricativa glotal, já que é baiana – falante do dialeto do Sudoeste da Bahia. Dos quatro informantes, dois conheciam a origem da entrevistadora e outros dois, que não tinham essa informação, julgaram que a mesma fosse mineira.

⁹ Como dito anteriormente, a partir dos dados coletados, não é possível saber a origem dos interlocutores aos quais os sujeitos relatos nos depoimentos (excertos 01 e 02) se dirigem.

Ao se dedicar a investigações relativas a atitudes linguísticas, a Sociolinguística alarga e torna complexo o trabalho sobre seu objeto de estudo – a diversidade linguística – no momento em que passa a considerar que o que dá sustentação àquela diversidade são relações de poder e força estabelecidas de forma assimétrica entre os diferentes grupos sociais, já que cada um deles dispõe de graus de poder diferenciados, não só pelas posições que ocupam na estratificação social, mas também pela linguagem que utilizam. Diante de questões complexas como essas, parecem relevante para os estudos linguísticos os conceitos e os pressupostos mobilizados pela Psicologia Social, pois essas duas áreas do saber lidam, de maneiras distintas, com questões muito parecidas que, por vezes, podem se relacionar. Sendo a intersecção possível, é desejável que a troca de conhecimento também o seja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, T. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Versão 4.6.36. [programa computacional]. Disponível em: <www.praat.org.br>. Acesso em: 19 out. 2007.
- CASTRO, V. S. *O 'r-caipira' no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)*. Artigo inédito. Comunicação apresentada na 57ª reunião do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo – GEL – 2009.
- FRASER, C.; SCHERER, K. R. *Advances in the Social Psychology of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. *Language in Society*, v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, p. 177-192, 1973.
- GILES, H.; POWESLAND, P. F. *Speech style and social evaluation*. London: Academic press Inc., 1975.
- LABOV, W. *The stratification of English in the New York city*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1982. 501 p. [1966].
- _____. Estágios na aquisição do inglês standard. In.: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-85. [1964].
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972. 344 p.
- LAMBERT, W. E., HODGSON, R., GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Washington., v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.
- LEITE, C. M. B. *Atitudes Lingüísticas: A Variante Retroflexa em Foco*. 2004, 150 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2004.
- _____. *O /R/ em coda silábica no falar campineiro*. 2010. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2010.

- MARCUSCHI, L. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)
- OMDAL, H. Attitudes toward spoken Norwegian. *International Journal of Sociology of Language*, New York, n. 115, p. 85-106, 1995.
- RYAN, E. B.; GILES, H.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In.: _____. *Attitudes towards language variation: social and applied contexts*. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do Falar e História da Linguística*. Tradução de Fernando Tarallo et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.